

Aspectos semântico-cognitivos da intensificação

José Romerito Silva

Recebido 25, jun. 2006/Aprovado 25, ago. 2006

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo focalizar, especificamente, os processos de intensificação no que se refere aos seus aspectos semântico-cognitivos. Para isso busca os subsídios teóricos da semântica cognitiva, segundo a qual a linguagem codifica os esquemas cognitivos estruturados a partir de nossa experiência com a realidade. Essa codificação reflete combinações metafóricas existentes entre domínios de natureza mais “concreta”, adquiridos do modo como conceitualizamos nossa relação com o mundo, e outros de natureza mais abstrata. Nessa perspectiva, admite-se que o recurso à intensificação, em boa medida, constitui uma construção metafórica, operada pelo estabelecimento de relações analógicas com noções oriundas de determinados conceitos de base mais “concreta”, como quantidade, tamanho/dimensão, localização (horizontal ou vertical), peso/força etc.

Palavras-chave: *intensificação; semântica cognitiva; metáfora.*

Introdução

A intensificação, ao lado da transitividade, da predicação, da negação e de outros, figura entre os universais semântico-lingüísticos (LEHMANN, 1991; MARTIN, 2003; KEMMER, 2003). Não há dúvida de que se trata de uma das estratégias discursivas mais utilizadas nos processos de interação verbal, dos mais simples e descontraídos, como é o caso de uma conversa íntima, àqueles mais ritualizados e formais, como o discurso acadêmico, por exemplo.

No entanto, embora reconheça o caráter funcional – i.e. discursivo-pragmático – da intensificação (e estou considerando esse aspecto em meu trabalho de doutoramento), pretendo, aqui, focalizá-la exclusivamente no que se refere aos aspectos semântico-cognitivos, advogando seu caráter metafórico, cujas bases se assentam nas experiências físico-sensoriais, psicoafetivas e socioculturais humanas, em que colaboram processos de natureza cognitiva. Utilizo como referencial teórico os postulados da semântica cognitiva, conforme defendidos por pesquisadores como Lakoff e Johnson (1999, 2002), Tomasello (2003), Croft e Cruse (2004), entre outros.

O material de análise é extraído do *Corpus Discurso & Gramática* (FURTADO DA CUNHA, 1998) – doravante, *Corpus D&G*, constituído de textos orais e escritos produzidos por alunos dos níveis fundamental e médio e por universitários. Recorro, ainda, a textos avulsos colhidos em situações reais de comunicação, principalmente jornais e revistas, entre outros.

Breves considerações teóricas

Lakoff e Johnson (1999, 2002) postulam que o pensamento tem base corporal. Isso porque é mediante o corpo que o indivíduo se relaciona consigo mesmo, com o mundo físico e com o ambiente sociocultural ao seu redor. E é, portanto, através dessa interação que constrói os conceitos, os quais, por sua vez, são traduzíveis via linguagem. Logo, não há como negar a relação intrínseca existente entre experiência, pensamento e linguagem (cf. MARMARIDOU, 2000).

Para esses pesquisadores, o grande equívoco da tradição filosófica ocidental tem sido a crença de que a razão é independente do corpo, e que é essa autonomia que nos caracteriza como seres humanos, distintos das outras formas de vida. Ao contrário, o nosso sistema conceptual emerge de nosso contato corporal com o mundo que nos cerca. Esses conceitos nos permitem caracterizar mentalmente as categorias e raciocinar sobre elas. Tais categorias são parte de nossa experiência, isto é, são parte daquilo em que nossos corpos e cérebros estão engajados em nossa relação com o ambiente biofísico e sociocultural.

O postulado da relação entre corpo e mente (ou da *mente corporificada*) evidencia por que uma enorme quantidade de conceitos abstratos emerge de noções “concretas”, tendo por base a dimensão corporal. Lakoff e Johnson denominam esse fenômeno de *metáfora primária*, afirmando que estas são automática e inconscientemente adquiridas na vivência comum do cotidiano desde a infância.

É preciso esclarecer, de antemão, que o conceito de *metáfora* tomado neste trabalho não se alinha à tradição clássica, na qual a metáfora é vista como uma figura de estilo, ou seja, como um desvio da linguagem comum e denotativa. Ainda conforme essa perspectiva, a metáfora figura entre outras possibilidades estilísticas da língua – os tropos –, mais reservadas para as expressões poético-literárias, em que o falante recorre, criativa e inusitadamente, aos efeitos especiais da linguagem para fins estéticos e afetivos.

Aqui, ao contrário, o recurso à metaforização é considerado um fenômeno participante do discurso cotidiano, presente tanto nas interações mais corriqueiras e informais como nas comunicações mais formalizadas. Significa dizer que a metáfora recobre uma quantidade considerável de categorias conceituais utilizadas nas diversas formas de interlocução da convivência social, emprestadas de noções que têm como fundamento significados construídos a partir das experiências do indivíduo com o ambiente circundante.

Portanto, adotando a idéia de que o pensamento é de natureza eminentemente metafórica, elimina-se assim a clássica distinção entre linguagem comum e linguagem literária, bem como a idéia de linguagem figurada como uma realização lingüística especial. Em vez disso, considera-se a figuratividade como um fenômeno central no processamento cognitivo, espelhada em todas as manifestações da fala cotidiana (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Sem querer deter-me nas discussões teóricas em torno da metáfora, esta pode ser definida, grosso modo, como uma construção cujo conteúdo resulta da interação entre dois domínios conceituais. Quer dizer, uma noção é concebida em termos de outra. Um ponto importante nessa perspectiva é que a metáfora é, antes de tudo, uma operação cognitiva. Significa que, apesar de se realizar lingüisticamente, a metáfora é, por natureza, uma estrutura conceitual, no sentido de que, em sua formação, operam-se correspondências de relações entre domínios, representadas no sistema conceitual, as quais se convencionalizam entre os membros de uma comunidade de fala (CROFT; CRUISE, 2004).

Uma evidência disso é que, mesmo nas comunicações de caráter técnico-científico, em que se espera uma linguagem precisa e denotativa (“literal”), as metáforas ainda podem ser

encontradas em abundância. Basta uma rápida observação a um texto como este para que isso possa ser percebido claramente: vejam-se neste pequeno parágrafo, por exemplo, palavras como *caráter, espera, podem, texto, claramente* etc., as quais procedem de alguns conceitos básicos de nossa experiência.

O processo de metaforização se verifica, por exemplo, no deslocamento de idéia espacial a domínio temporal do verbo *ir*, como se pode ver abaixo:

(01) "... todo veraneio que a gente *vai* pra lá [casa de praia]... a gente *vai* pescar lá..." (*Corpus D&G*, 1998, p. 370);

(02) "... porque esses rapazes de hoje não pensa no amanhã que *vai* ser." (*Corpus D&G*, 1998, p. 363).

Note-se que, na primeira ocorrência em (01), *ir* tem um valor genuinamente espacial, no sentido de movimento do corpo de um lugar a outro, confirmado pelo locativo anafórico *lá*; na segunda - ainda no mesmo trecho -, acumula tanto a idéia de deslocamento espacial como de ação habitual; na terceira menção, no fragmento (02), esse verbo assume por completo a condição de marcador temporal, isto é, como auxiliar indicativo de futuro do verbo *ser*, o que representa uma noção bastante abstratizada em relação às anteriores.

Assim, parte do sistema semântico-cognitivo de base física é transferida, analogicamente, para a formação do universo conceptual mais abstrato das construções gramaticais. Comparando dessa mesma idéia, Slobin (1980) admite que as línguas parecem expressar noções abstratas, por extensões metafóricas, da experiência concreta do comportamento sensorimotor.

Assumindo o mesmo ponto de vista, Heine (1994) afirma que a emergência de estruturas lingüísticas deriva de determinados processos cognitivos básicos, através dos quais os conceitos gramaticais são expressos em termos de algumas experiências humanas básicas, relacionadas ao modo como nós vemos o mundo, a onde as coisas estão localizadas, a como elas se inter-relacionam, a como as ações são realizadas, e assim por diante.

Confirmando essa perspectiva teórica, Marmaridou (2000, p. 61) sustenta que "[...] o sentido emerge de nossas experiências corporais e, dado que nossas experiências são física e culturalmente motivadas, parece plausível assumir que o pensamento, compreendido como uma estrutura cognitivo-cultural, modela a linguagem." (Tradução nossa)

E acrescenta mais adiante:

[...] já que o sentido surge de uma compreensão da experiência e já que ela é simbolicamente expressada através de uma forma lingüística, segue-se que a forma lingüística expressa como os seres humanos entendem a experiência, ou, alternativamente, como eles conceptualizam a realidade. (MARMARIDOU, 2000, p. 61, tradução nossa)

Sendo as construções lingüísticas uma codificação simbólica do modo como conceptualizamos, através de operações cognitivas, as coisas (categorias) com as quais interagimos fisicamente, o contato corporal projeta-se imperativamente na formação de conceitos mais abstratos. Assim, estes são reflexos metafóricos das noções adquiridas pela experiência.

Baseado nesse postulado, advogo que, nos processos de intensificação, estabelece-se uma conexão analógica entre o conteúdo intensivo significado e outro de natureza mais “concreta”, resultante da nossa relação somática com o ambiente em que vivemos. Nesse caso, por exemplo, o intensificador *muito* emerge do esquema imagético de *quantidade*; *-inho*, da concepção de *tamanho/dimensão*; a *repetição lexical*, da “imitação” icônica de *quantidade* e *tamanho*, ao mesmo tempo; *ultra-* e *super-*, das idéias de *localização horizontal e vertical*, respectivamente; a *tonicidade prosódica* – como em “... um *HOrror!*... [filmes] de terror eu *DEtesto!*” (GONÇALVES, 2003, p. 48) – exprime a metáfora de *força muscular*, uma vez que a sobrecarga sonora na sílaba das palavras relaciona-se a *peso*, o que demanda esforço físico; *bem* e *terrivelmente* apontam para as respectivas noções básicas de *estado/sensação psicoafetivo(a)* de *prazer* e *medo*.

É importante esclarecer, no entanto, que essa experiência física do indivíduo com o meio não pode prescindir do convívio social para o estabelecimento dos conceitos. Na verdade, o ponto de vista cultural sobre o mundo parece exercer um papel decisivo no processamento cognitivo e na conseqüente codificação lingüística. Por outro lado, não obstante a isso, pode-se admitir que há uma relativa recorrência dos mesmos padrões de metaforização nas estratégias de atribuição de intensidade. Quero dizer: em geral, aproveitam-se noções derivadas, especialmente, das idéias de distância espacial (horizontal ou vertical), quantidade, tamanho e peso.

Se o recurso à intensificação tem como fundamento o empréstimo de noções adquiridas a partir de nossas experiências corporais com o contexto biofísico, sociocultural e psicoafetivo em que estamos envolvidos, então é válido postular que é possível haver um padrão semântico-cognitivo mais geral (ou universal) para a formação dos conceitos intensivos. Significa dizer que, apesar das peculiaridades lexicais e gramaticais existentes em cada língua, o fenômeno da intensificação se manifesta translingüisticamente adotando mais ou menos os mesmos princípios nocionais.

É por isso, por exemplo, que se observam praticamente as mesmas idéias fundantes na expressão de intensidade, não obstante à diversidade tipológica e às distâncias geográficas ou cronológicas verificadas entre as línguas. Isto é, para exprimir um conteúdo intensivo, os falantes recorrem basicamente às

mesmas noções de quantidade, localização, tamanho, força ou alguma sensação físico-psicológica impactante.

Evidências semântico-cognitivas da intensificação

Do ponto de vista formal, a intensificação pode ser expressa das mais diversas maneiras:

1. **no plano fonético** – através de traços supra-segmentais, em que se alonga e/ou se imprime maior tonicidade a um componente sonoro. Ainda um outro recurso acústico é o que Cagliari (*apud* GONÇALVES, 2003) chama de “fala silabada”, na qual o falante produz a escansão de sílabas. Exemplifico com estes dois fragmentos textuais colhidos do autor citante (p. 48, 50, respectivamente):

(03) “E por falar nisso, a Dona Dalva fez ontem uma carne assada gosTOOOOOsa...”;

(04) “O que? Adoro ele [Thiago Lacerda], que ele é lindo demais, que é GA-TÉ-SI-MO!”.

2. **no plano lexical** – com carga intensiva no próprio lexe-ma:

(05) substantivo: medo < *pavor*; raiva < *ódio*, buraco < *rombo*, casa < *mansão*;

(06) adjetivo: bonito < *lindo*, pobre < *miserável*, bravo < *furioso*, frio < *gelado*;

(07) verbo: pedir < *implorar*; falar < *tagarelar*, gastar < *esbanjar*, abrir < *escancarar*;

(08) advérbio: *pouco* < *muito* < *bastante* < *demais*.

3. **no plano morfológico** – por meio da afixação:

(09) *supermercado* < *hipermercado*;

(10) “... é uma invenção caipira do *caipiríssimo* José Aparecido de Oliveira, por sua vez cupincha do *caipirésimo* Itamar Franco...” (SABINO, M. *Veja*, 24/07/1996).

4. **no plano sintático** – mediante combinação de formas sintagmáticas/oracionais ou pela repetição da mesma base lexical:

(11) “Eu acho isso que o namoro de hoje está *muito avançado demais*...” (*Corpus D&G*, 1998, p. 363);

(12) “Ele [o presidente Lula] passou a *acreditar em si mesmo muito além do que seria razoável*.” (TOLEDO, R. P. de. *Veja*, 13/07/05, p. 134);

(13) “A gente *anda, anda, anda*. Mas não vende nada.” (*Isto É*, 21/01/1998).

5. **no plano textual** – quando uma determinada palavra, expressão ou sentença é repetida enfaticamente ao longo dos segmentos textuais, com o fim de conferir “peso” a uma idéia e realçá-la, ou, ainda, por meio da gradação, revelada numa dada seqüência textual. Vejamos os fragmentos que se seguem:

(14) “... Tudo foi dado a eles: *o sacrifício* de direitos, *o sacrifício* de milhões de empregos, *o sacrifício* de incontáveis empresas brasileiras, *o sacrifício* da legitimidade do congresso, *o sacrifício* do patrimônio nacional, *o sacrifício* da Constituição. E eles quebraram o país... liberando o valor do dólar em relação ao real. Ou seja, desvalorizando ainda mais o real...” (FREITAS, J. de. *Folha de S. Paulo*, 17/02/1998);

(15) “... O bicho **não era um cão**
não era um gato
não era um rato
O bicho, meu Deus, **era um homem**” (BANDEIRA, 1967).

6. Ainda um outro modo de exprimir intensidade é através de **proposições indiretas** ou de **implícitos**, cujo significado intensivo é extraído por inferência. Observem-se os trechos a seguir:

(16) “Quando eu tentei ouvir pela primeira vez o Pierrot Lunaire de Schoenberg senti um incômodo profundo.
Nada, nem o mais selvagem Death Metal ou o Hard Core mais feio, sujo e malvado, se compara a [sic] devastação interior daquela composição.” (CAPISTRANO, P. *Metropolitano*, 15/04/2005, p. 2);

(17) “Frio, cruel e insensível. *Se o mocinho é assim, imagina como são os bandidos.*
‘A Missão’ com Robert de Niro.” (*Isto É*, 25/06/97, p. 137).

No fragmento (16), deduz-se que a composição *Pierrot Lunaire*, de Schoenberg, é infinitamente mais devastadora se comparada mesmo ao *mais selvagem Death Metal* ou ao *Hard Core mais feio, sujo e malvado*. No trecho (17), o que se depreende a partir da informação *imagina como são os bandidos*, tomando como base o que foi declarado antes, é que eles são bem piores (isto é: excessivamente mais frios, mais cruéis e mais insensíveis) do que o mocinho.

Fica, portanto, evidente que o recurso à intensificação nem sempre se processa de modo explícito, codificado diretamente por meio de uma expressão lingüística denotativa. Significa que, nesse caso, o falante conta com a capacidade dedutiva/inferencial do interlocutor para apreender o conteúdo intensivo significado, abstraído-o de determinadas pistas deixadas no texto.

A motivação icônica observada nas estratégias de intensificação reside em sua dimensão metafórica, que tem como fundamento a percepção sensorimotora resultante de nossas

experiências com o mundo físico e sociocultural, conforme abordado anteriormente. Explicando: a ênfase sonora, o alongamento silábico e os demais recursos de acréscimo estrutural representam, na verdade, uma analogia aos conceitos básicos de *peso/força*, *quantidade*, *tamanho/dimensão*, *espaço/distância* e *sensações/estados bio-físicos ou psico-afetivos*, derivados da relação corporal do indivíduo com o espaço, seres, objetos e/ou situações com que está em contato, numa tentativa de “imitar” expressivamente, a partir dessas noções, a idéia de intensividade (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Note-se que, no caso específico do português, uma quantidade considerável das formas intensificadoras emergem diretamente dessas conceptualizações básicas. Quanto à transferência metafórica proveniente da idéia “+concreta” de peso/força, pode ser encontrada em palavras que exprimem essa noção, como *pesado*, *potente*, *poderoso(o)/amente*, *reforçado*, *forte/mente*, *insuportável/mente* e similares, além daquelas expressas através da sobrecarga fonética (intensidade prosódica) já demonstradas anteriormente. Também pode ser percebida em expressões nas quais o falante imprime maior carga tônica (ou seja, “peso” sonoro) a uma determinada sílaba, para intensificar uma certa noção.¹ Isso porque, do ponto de vista físico, as coisas mais pesadas são vistas com maior destaque em comparação com outras mais leves, uma vez que demandam maior esforço de nossa parte para segurá-las ou movê-las. Além disso, elas se impõem como merecedoras de “consideração” especial, uma vez que se sobrepõem à nossa capacidade física, oferecendo resistência a sua manipulação ou remoção (os exemplos 1.(03) – *gosTOOOOOsa* – e 1.(04) – *GA-TÉ-SI-MO* –, na p. 8, ilustram bem isso).

Como o recurso à intensificação é um esforço de nossa parte em impor sobre o interlocutor o nosso ponto de vista sobre algo e convencê-lo quanto à validade de nossa argumentação, a sobrecarga fonética conferida ao item que queremos destacar funciona como uma espécie de suporte de poder à idéia/concepção que desejamos seja percebida como verdadeira, importante e digna de aceitação (cf. MARMARIDOU, 2000).

Com relação à metáfora de *quantidade*, observem-se palavras/expressões analíticas intensificadoras como *quanto*, *tão/tanto*, *muito*, *mais*,² *demais*, *bastante*, *abastado*, *fart(o)/amente*, *abundante/mente*, *copioso(o)/amente*, *profuso/em profusão*, *pouco*, *menos*, *além da conta*, *de mão cheia*, *um bocado (de)*, *uma porção de*, ou os sufixos *-udo*, *-dor*, *-eiro(a)/-aria*, além de outros, em que se incluem referências hiperbólicas numérico-quantitativas, cujos conceitos são construídos a partir do que é quantitativamente perceptível. Essa noção “concreta” é, portanto, transferida analogicamente para significar aquilo que nos parece além do seu estado entendido como normal.

¹ Creio que seja esse (a sobrecarga sonora) um dos motivos pelos quais as formas em *-íssimo*, *-érrimo*, *-ésimo* são sentidas como mais intensivas do que suas “equivalentes” analíticas.

² Na verdade, *mais* (de *magis*) tem a mesma raiz de *magno* (*grande*), isto é, *mag*. Sendo assim, observamos a íntima relação entre as noções de *tamanho* e *quantidade*; quer dizer, o que é numeroso é também percebido como de maior dimensão/massa material.

A metáfora de *tamanho/dimensão* pode ser encontrada em diversos exemplos. Entre eles estão as palavras *exager(o)/ad(o)/amente*, *grand(e)/ioso*, *gigante/sco*, *imens(o)/amente*, *enorme/mente*, *ampl(o)/amente*, *larg(o)/amente*; *alt(o)/amente*, *vasto*, *grosso*, o radical *magno* (formador de palavras, como *magnífico*, *magnitude*, *maior*, *major/itariamente*), *baixo*, *pequeno*, *menor*, *diminuto*; também os prefixos *mega-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-* e *mini-*; os sufixos *-aço*, *-inho* e *-ão*;³ a forma *senhor(a)*,⁴ ou expressões como *de montão*, *um monte de*, *uma montanha/pilha de*. Todas essas formas, que são utilizadas para mencionar grandezas em referentes “concretos”, são aproveitados por similaridade conceitual para intensificar noções mais abstratas de propriedades, valores (em substantivos/adjetivos) e circunstâncias (em verbos/adverbiais). Outra amostra desse conceito é bastante evidente nos casos de alongamento formal, seja no exagero da extensão silábica (isto é, no prolongamento sonoro) ou nos exemplos em que se majora a codificação mórfica e/ou sintática, através do acréscimo/repetição de morfemas presos ou dependentes. Nesse caso, ocorre, ao mesmo tempo, a metaforização das noções de *quantidade* e *tamanho*, pelo fato óbvio de ter havido acréscimo tanto do número de formas utilizadas como no conseqüente crescimento estrutural da expressão. Os exemplos a seguir corroboram as idéias defendidas nesses dois últimos parágrafos:

- (18) “Resultado *mais* efetivo *ainda* traria o anúncio de que o capturado fora o próprio Saddam... Uma mentira a *mais*, uma a *menos*, não faz diferença.” (TOLEDO, R. P. *Veja*, 10/09/2003, p. 122.);
- (19) “Se *tanto* falaram nos sócias, por que não ir atrás deles? A captura de um sócia do ex-ditador [Saddam Hussein], de perfil igualmente *rechonchudo*, o *bigodão* espesso e o jeito absurdamente *bonachão*, para alguém com as mãos *tão* manchadas de sangue...” (ibidem);
- (20) “Uma noite, by Olimpo, *das mais* agradáveis... *Que saudade!* Adroaldo Carneiro foi - *queridíssimo*, Aladim! E Tony Glamour, *metiúdo*, todo pé-de-alface!... *Betíssima* Almeida, *linda! Linda! Linda!* E Rita Macedo - *que astral, que charme!*... Henrique Fonseca e *Terezérrima*...”
E *muito, muito mais*.” (SABOYA, C. de. *Diário de Natal*, 09/10/2004, p. 3).

³ Vale notar que *-inho*, por sua relação com pequenez, em geral aparece como intensivo associado a palavras cuja noção indica direção para menos (como em *pequenininho*, *cedinho*) ou valor negativo; no caso de *-ão*, a idéia intensiva combina-se com lexemas que denotam direção para mais ou valor positivo (como em *grandão*, *bonitão* etc.).

⁴ Nesse caso, a relação não é apenas quanto ao maior tamanho, mas também por ser mais velho e dar a noção de poder. Como exemplo, tem-se: “A banda [Motim] leva uma *senhora vantagem* em relação aos grupos mais jovens” (*Jornal Hoje*. TV Globo, 06/07/2004).

Observe-se que, em (18), o primeiro *mais* – reforçado por *ainda* – revela intensificação, enquanto o segundo denota inequivocamente quantidade, incluindo aí, também, *menos*. No fragmento (19), no início, *tanto* carrega um sentido mais quantitativo; já na segunda vez (*tão*) encerra uma idéia intensiva. Do mesmo modo, o primeiro *-ão* (em *bigodão*) expressa a noção de tamanho; no segundo emprego (em *bonachão*), denota claramente intensidade. No trecho (20), o primeiro *mais* é intensivo; o segundo dá a idéia de mais informação/novidade sobre os acontecimentos da noite anterior. Nas demais formas, vemos o alongamento silábico em *metiúdo*; os acréscimos morfológicos em *queridíssimo*,

Betíssima e Terezérrima; e o aumento sintático, através da repetição enfática em *linda! Linda! Linda!* e *muito, muito*. Temos nessas amostras, sem dúvida, evidências da extensão metafórica, nas quais foram convocadas as respectivas noções mais “concretas” de quantidade e tamanho.

Esse mesmo procedimento é também comum em outras línguas. Por exemplo:

- *s’i(n)* = pequeno > *s’i(n) s’i(n)* = *muito pequeno* (extraído do xipaya, língua indígena brasileira. CÂMARA JR, 1989);
- *lapun* = velho > *lapunpun* = *muito velho* (língua pidgin da Nova Guiné. PETER, 2003).

O conceito metafórico de *espaço/distância* – vertical ou horizontal – é encontrado nos prefixos *sub-*, *sobre-*, *super-*, *supra-*, *hiper-*, *arqui-*, *ultra-*, *extra-*, *ex-* (presente na idéia intensiva de *em excesso/iv(o)/amente*, *excepcional*, *exacerbado*), ou em palavras/expressões como *além*, *de longe*, *pra lá de...* e similares. Há ainda os lexemas intensivos, como *sum(o)/amente*, *supremo*, *superior*, *elevado*, *profund(o)/amente*, *abissal*, *extrem(o)/amente*, *avançando*, *avantajado*, *um primor (de)*, *primoroso* também relacionados à metáfora espacial. Outros que também se relacionam a localização são os que se referem ao espaço sideral, como *estratosférico*, *exorbitante*, *astronômico* (este mais relacionado a grandeza), por designarem distância para além dos limites terrestres. Vejamos os seguintes exemplos:

- (21) “... você vê que a gente adota um pre/ elege um presidente... ele não é solução pros nossos problemas... pelo contrário... a gente pensa que vai ser... mas aí dificulta mais as coisas... o salário diminui... as coisa aumenta... a inflação sobe lá pra cima... pronto... sobe lá pra cima... olha que coisa... vai subir pra onde? pra baixo? mas... a... é uma situação *super difícil* sabe? *super difícil mesmo...*” (Corpus D&G, 1998, p. 255-6);
- (22) “Apesar do eleitorado feminino ser infinitamente maior, nenhuma mulher assumirá, no próximo ano uma cadeira na Câmara.
- *O que é profundamente lamentável.*” (SABOYA, C. de. *Diário de Natal*, 09/10/2004, p. 3);
- (23) “*Juros altos* são resultado da falta de confiança na capacidade do Estado de saldar seus débitos. O Estado deve muito, gasta mais do que arrecada e tenta arrecadar cada vez mais para poder gastar o que não tem. O ciclo é infernal. (...) *Dívida elevada*, *carga tributária excessiva*, leis trabalhistas retrógradas, burocracia enlouquecedora, ritos jurídicos e judiciários desanimadores, rombo na Previdência.” (ALVARENGA, T. *Veja*, 04/05/2005, p. 64).

Deve-se registrar também o prefixo *-infra*, que exprime a noção de posicionamento inferior. No entanto, embora pouco comum, foi utilizado no seguinte excerto, metaforicamente, com noção intensiva: “... que era uma *vida infra-humana* que levava.” (INQ356, INF452, *apud* LOPES, 2000, p. 5).

Um dado interessante sobre analogia a partir da noção espacial é fornecido por Ribeiro (1956, p. 331). O que se vê nos registros desse autor parece demonstrar que já era comum, na língua latina, o uso de palavras/expressões indicativas de intensidade como extensões metafóricas de significados mais concretos. É o caso, por exemplo, de *longe* – designativo de *lugar distante* – apresentado a seguir:

(24) “*Longe nobilissimus et ditissimus apud Helvetios.*”

Said Ali (1971, p. 84) cita um caso do período renascentista que evidencia igual procedimento com relação a *extremo*:

(25) “Os quaes peixes são *muy peçonhentos por extremo.*”

Ainda sobre a utilização da idéia espacial para indicar intensidade é o que vemos no exemplo fornecido por Schachter (*apud* ROSA, 2000, p. 93), encontrado no haússa, língua afroasiática falada principalmente na Nigéria:

(26) “Ya *fi* ni hankali (literalmente: “Ele me *ultrapassa* em inteligência”, isto é, “Ele é *mais inteligente* que eu”).

Há também uma relação metafórica em vocábulos intensivos que têm como fundamento semântico a experiência física visual. São eles, por exemplo, *deslumbrante*, *admirável/mente*, *um espetáculo/espetacular*, *uma maravilha* e *maravilhos(o)/amente*. Estes vinculam-se à idéia de alguém ficar perplexo diante de algo visualmente impactante. Compare-se com os exemplos, os quais atestam essa tendência já num período mais antigo da língua.

(27) “Quando Lançalot e Persival viram esta aventura, foram *muy muito maravilhados...*” (RIBEIRO, 1956);

(28) “... E elle era *muy velho a maravyilha.*” (RIBEIRO, 1956).

Essa prática é confirmada também por Mattos e Silva (1984, p. 207-8):

(29) “Mata *muy grande e muy basta a maravilha.*”

Existem outras amostras intensivas derivadas das metáforas de sensações/experiências físicas, tais como, por exemplo, trabalho *extenuante*, calor *sufocante*, cheiro *inebriante*, barulho *ensurdecador*, beleza *estonteante*, vista de *tirar o fôlego*, brilho *ofuscante*, frio de *arrepiar*, debate *acalorado*, ciúme *doentio*, desejo *ardente*, crescimento *vertiginoso*, diferença que *salta aos olhos* (algumas dessas até já um tanto clichêizadas). Também encontramos, além dessas, outras expressões intensivas que, do mesmo modo, provêm de noções ancoradas nas experiências biofísicas, tais como *feio que dói*, *podre de rico*, *lindo de morrer* e outras mais.

As intensificações em que se empregam expressões com *bem*, *bom*, *ruim*, *ótimo*, *péssimo*, *pavor/oso*, *medonho*, *estorrecador*,

hediondo, um terror (de)/terrível/mente, um horror (de)/ horrível/mente, assustador/amente, assombros(o)/amente, espantos(o)/amente, tremend(o)/ amente, entre outras, refletem as metáforas de sensações/estados psicoafetivos. Estas estão, em geral, associadas às experiências básicas de bem-estar/satisfação físico(a) que nos proporcionam benefício/prazer ou de desconforto/desagrado/perigo/medo diante de algo poderoso e ameaçador que possa trazer algum dano a nossa integridade física.

É digno de nota que, neste caso, o mesmo padrão exibido no português contemporâneo e no inglês também se encontra, por exemplo, no hebraico antigo. Comparem-se os exemplos a seguir:

- (30) *terrify, terrific, terrible = atemorizar, espantoso, demasiadamente:*
- to be *terrified* of = *ter medo* de/ficar *atemorizado* com (noção +/- concreta de base psico-física);
 - in a *terrible* hurry = com *muita* pressa/estar apressado *demais*;
 - at a *terrific* velocity = numa velocidade *espantosa*/em *alta* velocidade (nas duas últimas expressões, os vocábulos têm valor intensivo).
- (31) *tremendous, astounding = tremendo, espantoso, assombroso:*
- "... it is a *tremendous* store of heat called geothermal energy." = "... é uma *tremenda* reserva de calor chamada energia geotérmica";
 - "An *astounding* amount of energy indeed!" = "Uma *espantosa* quantidade de energia, de fato!" (Exemplos extraídos de *Awake!*. August 8, 2002, p. 13-15).
- (32) אָרֵר (*yare'*) = *temer, aterrorizar, assombroso, tremendamente:*
- E *temendo* disse: Quão *temível* é este lugar!... - Gen. 28:17 (noção psicológica "+concreta");
 - ... visto que por modo *assombrosamente* maravilhoso me formaste;... - Sal. 139:14 (exprime intensidade).

Essa tendência de transferir conceitos fundamentados na experiência com o mundo concreto (como as noções de tamanho/dimensão, quantidade, localização espacial - de distância ou altura -, peso/força etc) para a esfera mais abstrata da intensificação é observada, conforme já demonstrado, em outras línguas. Vejamos mais alguns casos:

1 - em alemão:

- (33) *sehr = muito:*
- Das Glas ist *sehr* voll = O copo está *muito* cheio (quantidade +concreta);
 - Ich bin *sehr* krank = Eu estou *muito* doente (designa intensidade).

- (34) *wenig* = *pouco*:
- Ich habe *wenig* Geld = Eu tenho *pouco* dinheiro (noção quantitativa +concreta);
 - Ich habe *wenig* Zeit = Eu tenho *pouco* tempo (idéia intensiva + abstrata).

- (35) *groß* = *grande*:
- Das Haus ist *groß* = A casa é *grande* (noção +objetiva de tamanho);
 - Ich habe ein *großen* Bruder = Literalmente: Eu tenho um *irmão maior*, ou seja: Eu tenho um *irmão mais velho* (todos esses foram exemplos fornecidos por falantes nativos).

É interessante notar, nesse último exemplo, a idéia intensiva de *mais idade/ser mais velho* deriva da noção de *grandeza*, uma vez que, segundo nossa experiência objetiva, aquele que é mais velho é, em geral, também maior em tamanho.

2 - em mandarim:

- (36) *hěn* = *muito(s)*, *bastante(s)*
- fáng zi lǐ rěn hěn duō = Há *muitas* pessoas na casa (quantidade ; observável)
 - tā gè zi hěn gāo = ele é *muito* alto (idéia intensiva) - (exemplos coletados de falantes nativos).

3 - em japonês:

- (37) *ippai* = *muito(s)*, *bastante(s)*, *demais*
- *ippai* daigakusé ga = *muitos* alunos universitários (noção quantitativa);
 - *ippai* muzukashii = *muito* difícil (exprime intensidade) - (exemplos coletados de um falante nativo).

4 - em húngaro:

- (38) *nagy* = *grande*, *muito*, *demais*:
- *nagy ház* = casa *grande* (noção de tamanho/grandeza);
 - *nagyon jó* = *muito* bom (idéia intensiva).
- (39) *túl* = *além*, *demasiadamente*:
- a határi *túl* magyarok = aos húngaros *além* da fronteira (localização horizontal, indicando distanciamento);
 - *túlontul* átpolitizálunk = *politizados por demais* (idéia intensiva) - (Nepszava, 2004. Május 1, Szombat).

5 - no grego *koinê* - variante popular falada no início da era cristã (ALAND et. al., 1970):

- (40) πολύ (*polú*) = *muito(s)*, *mais*, *bastante(s)*, *demais*:
- expeliam *muitos* demônios e curavam *numerosos* enfermos,... - Mar. 6:13 (denota quantidade);
 - ... um vaso de alabastro com *preciosíssimo* perfume de nardo puro;... - Mar. 14:3 (idéia intensiva).

- (41) *επι (epi) = sobre, em cima/acima de, demasiadamente, intensamente:*
- ... viram Jesus andando *por sobre* o mar... - Jo. 6:19 (localização vertical);
 - ... Tenho *desejado intensamente* comer convosco esta páscoa,... - Luc. 22:15 (idem).
- (42) *υπερ (húper) = sobre, acima de, além, mais:*
- Não *ultrapasseis* o que está escrito, a fim de que ninguém se *ensoberbeça*... - I Cor. 4:6 (localização horizontal e intensificação, respectivamente);
 - São ministros de Cristo?... *Eu ainda mais*... em açoites, *além da medida*;... - I Cor. 11:23 (ambos denotam, respectivamente intensidade e quantidade).
- (43) *μεγα (mega) = grande, intenso:*
- ... e saiu *grande* voz do santuário,... e ocorreu *grande terremoto*... e a *grande cidade* se dividiu em três partes,... e lembrou-se Deus da *grande Babilônia*,... porquanto o seu *flagelo* era *sobremodo intenso*. - Apoc. 16:17-21 (noções de intensidade nas duas primeiras ocorrências e na última; na terceira, a idéia é de tamanho físico; e na quarta, parece misturarem-se os sentidos intensivos de grandeza/dimensão tanto física quanto em importância econômica, política e sociocultural).

6 - no hebraico antigo (HARRIS, 1998):

- (44) *(gadowl) = grande, alto, muito(s), mais, intenso:*
- Fez Deus dois *grandes* luzeiros: o *maior* para governar o dia, e o menor para governar a noite... - Gên. 1:16;
 - ... Amnom sentiu por ela [sua irmã] *grande aversão*, e *maior* era a *aversão* que sentiu por ela que o amor... - 2 Sam. 13:15.
- (45) *(me'od) = numeroso, muito(s), (o) mais, excessivamente:*
- E o homem [Jacó] se tornou *mais e mais rico*; teve *muitos rebanhos*,... - Gên. 30:43 (intensidade e quantidade, respectivamente);
 - ... tu [Jônatas] eras *amabilíssimo* para comigo!... - 2 Sam. 1:26 (idéia intensiva).
- (46) *(al) = sobre, acima, por cima de, além, mais, extremamente:*
- ... do meio dos dois querubins que estão *sobre a arca* do testemunho, falarei contigo... - Ex. 25:22 (exprime localização vertical);
 - "Pois tu, Senhor, és o *Altíssimo sobre toda a terra*; tu és *sobremodo elevado acima de todos os deuses*." - Sal. 97:9 (noções de superioridade e de intensidade).

7 - O inglês é, em igual medida, pródigo nesses casos. Em apenas um texto (*Awake!* August 8, 2002, p. 13-15) – sobre *energia geotérmica* –, colhi as seguintes amostras:

- (47) *huge = enorme, imenso, (em tamanho físico, importância ou valor):*
- ... estas presilhas permitem a expansão e a contração dos *enormes tubos* enquanto eles aquecem e esfriam. (expressa a idéia de tamanho físico);
 - Sob a superfície da terra repousa um *enorme tesouro*... é um tremendo estoque de calor chamado energia geotérmica. (noção metafórica de grandeza).
- (48) *large = grande (em dimensão física ou em termos metafóricos):*
- ... Awake! visitou uma *grande usina geotérmica* chamada Mak-Ban, na província filipina de Laguna. (exprime a idéia de dimensão física);
 - ... as Filipinas tem se tornado um dos *maiores produtores* mundiais de energia de fonte geotérmica. (grandeza intensiva).
- (49) *much = muito (em quantidade material ou em intensidade):*
- ... Nós geramos *tanta água quente e calor* a cada hora que é necessário injetar água separa de volta para o reservatório do solo... (noção de quantidade material);
 - Mas, no subsolo, as pressões são *muito mais altas*... (expressa intensidade).
- (50) *more = mais (em quantidade material ou em intensidade):*
- *Mais tubos* podem ser vistos trazendo vapor dos poços... (idéia de quantidade material);
 - Os desenvolvimentos futuros, sem dúvida, nos ajudarão a ver como usar nossos tesouros *mais beneficentemente*... (noção intensiva).

Há outros vocábulos cujas noções relacionadas a conceitos “+concretos” se estendem igualmente para designar intensidade abstrata. Podem ser incluídos nesse caso o que se vê em construções como *top secret (super secreto)*, *high tech (alta tecnologia)*, *low carb* (alimentos com *baixo teor de carboidrato*), *light food* (comida *leve*, ou seja, com pouca caloria), *deep impact* (impacto *profundo*), *broadminded* (literalmente: *com mente larga*, isto é, *de mentalidade aberta/liberal*), entre outras.

Ainda quanto a isso, vejam-se os trechos a seguir, retirados do trabalho de Marmaridou (2000), quanto ao uso metafórico de *far* (*distante*), *wide* (*largo*), *large* (*grande*) e *strong* (*forte*):

- (51) A presente análise experiencialista de fenômenos pragmáticos é *amplamente justificada* por questões similares na pesquisa atual, indicando um *interesse maior* na conceitualização do sentido pragmático. (p. 275);
- (52) Acredita-se que o método experiencialista proposto, ainda que *largamente articulado* na base dos dados construídos, não obstante, *encoraja fortemente* - na verdade, exige -... (p. 279).⁵

⁵ Os exemplos nos casos (47) a (52), p. 20-22, são todas traduções minhas.

Conclusão

Essas poucas amostras ajudam-nos a perceber a motivação cognitiva que embasa a formação de intensidade. Tais configurações lingüísticas vêm confirmar a idéia de que a intensificação, do mesmo modo que muitas outras noções, é expressa em termos metafóricos, cujo fundamento se encontra nas relações analógicas operadas cognitivamente entre domínios da nossa relação corporal (e, portanto, concreta) com o mundo físico-social em que estamos inseridos e outros de natureza mais abstrata. Nesse sentido, podemos facilmente recuperar as associações semântico-metafóricas estabelecidas entre as formas intensificadoras expostas e as respectivas noções de peso/força, tamanho/dimensão, quantidade, espaço, impacto visual, sensações/estados psicoafetivos de base experiencial mais concreta.

O mais interessante nisso é que, mesmo considerando-se o fato de que as metáforas não estão estocadas *a priori* na mente dos falantes, sendo, portanto, construídas nos ambientes socio-culturais específicos da cada comunidade de fala, a codificação intensiva parece evidenciar, translingüisticamente, uma espécie de padrão cognitivo mais ou menos comum, apontando, relativamente, para as mesmas noções básicas das quais deriva. Quer dizer, para exprimir intensidade, os locutores lançam mão dos mesmos recursos metafóricos em maior ou menor grau de semelhança, ou seja, apóiam-se quase nas mesmas analogias experienciais fundantes. Isso pode sinalizar que, muito provavelmente, existam esquemas metafóricos mais relacionados com nossa própria maneira de ser e de estar no mundo, independente das especificidades culturais e lingüísticas.

Abstract

The present paper aims to focus the semantic and cognitive aspects of the intensity processes. Thus takes the theoretic accounts of Cognitive Semantics, to which language encodes the cognitive schemas structured from our experience with reality. Linguistic symbols reflect the metaphorical combinations between more "concrete" domains, acquired from the way how we conceptualize our relation with the world, and those of more abstract nature. From this point of view, we claim that intensifiers are mostly metaphorical constructions based on analogical relations with some more "concrete" concepts such as quantity, size/dimension, localization (horizontal or vertical), weight/strength and so on.

Keywords: *intensity – cognitive semantics – metaphor.*

Referências

- ALAND, K. et. al. (ed.). *The Greek New Testament*. 2. ed. Stuttgart: UBS, 1970.
- BANDEIRA, M. Belo belo. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Princípios de lingüística geral*. 7. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.
- CROFT, W.; CRUISE, D. A. *Cognitive linguistics*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- GONÇALVES, C. A. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora*, n. 9, p. 47-59, jul./dez. 2003.
- HARRIS, R. L. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Trad. M. L. Redondo, L. A. T. Sayão e C.O.C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGLIUCA, W. (Ed.). *Perspectives on grammaticalization: current issues in linguistic theory*. v. 109. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 255-87.
- KEMMER, S. Human cognition and the elaboration of events: some universal conceptual categories. In: TOMASELLO, M. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. GEIM. Campinas, SP: EDUC: Mercado de Letras, 2002. (As faces da lingüística aplicada).
- LEHMANN, C. Grammaticalization and related changes in contemporary German. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 493-535.
- LOPES, C. A. G. *Processos de intensificação na norma urbana culta de Salvador*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Salvador, 2000.
- MARMARIDOU, S. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- MARTIN, R. *Para entender a lingüística*. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2003. (Na Ponta da Língua, 6).

- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: INCM, 1984. (Estudos Gerais. Série universitária).
- PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 59-79.
- RIBEIRO, E. C. *Serões grammaticales* (ou Nova gramática portuguesa). 6. ed. Salvador: Livraria Progresso, 1956.
- ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- SLOBIN, D. I. *Psicolingüística*. São Paulo: Ed. Nacional: EdUSP, 1980.
- TOMASELLO, M. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003.